



MEDIAÇÕES ENTRE ESTUDOS CULTURAIS E COMUNICAÇÃO: UMA MIRADA CONCEITUAL

Sandra Raquew dos Santos Azevêdo

UFPB

Resumo: O propósito deste artigo é refletir sobre a formação de estudos culturais relativos à história e suas conexões com a comunicação. Tais conexões apontam para importantes elementos que nos auxiliam a refletir sobre a experiência comunicativa desenvolvida na área de educação. Essas interações teórico-metodológicas que trazem conceitos e autores de diferentes áreas, são importantes no estudo das práticas culturais na sociedade contemporânea.

Palavras Chave: Estudos Culturais – Comunicação - Educação.

Idéias iniciais

Ao mergulharmos mais no universo de leitura sobre os Estudos Culturais no período do ingresso no Mestrado em Educação fui surpreendida pelos novos olhares lançados sobre esta perspectiva teórico-metodológica. Embora estes não fossem uma novidade no contexto das escolas e teorias existentes no campo da Comunicação, anteriormente vistos no período em que cursei graduação em Comunicação Social e das experiências de sala de aula como docente na área, as leituras nos indicavam um contexto em que eles emergiam com muita fecundidade, tendo em vista o número de pesquisas orientadas nesta direção, as traduções de textos clássicos recentemente publicados e o surgimento de fóruns de debates - também na *Web* - sobre o assunto.

Curiosamente os aportes que chegavam davam conta de mostrar releituras, a exemplo da (re)orientação dos estudos de recepção latino-americanos tendo como pano de fundo questões apontadas pelos Estudos Culturais – como as relações de poder intrínsecos aos processos culturais – e da constituição dos Estudos Culturais em Educação enquanto um novo campo de pesquisas.

Além disso, tínhamos em mente que o próprio contexto da globalização amplamente discutido por sociólogos como CASTELLS (1999), MATTELART (2000) e IANNI (1999) estava posto como janela aberta cuja paisagem privilegiava a diversidade dos processos significantes da trajetória humana, especialmente no diz respeito às formas, instituições e práticas culturais, possibilitando, entre outras coisas o deslocamento deste campo historicamente ligado a uma origem britânica, principalmente com a fundação do *Centre for Contemporary Cultural Studies*, da Universidade de Birmingham em 1964, para outros territórios geográficos e conceituais.

O que tentaremos mostrar neste artigo é uma visão compartilhada por COSTA (2000) em que “saberes nômades, que migram de uma disciplina para outra, de uma cultura para outra que percorrem países, grupos, práticas e tradições, e que não são capturados pelas cartografias consagradas que têm ordenado a produção do pensamento humano são *ethos* do que tem sido denominado de Estudos Culturais em sua versão contemporânea”. Este horizonte conceitual também nos permite romper com uma leitura dualista do conceito de cultura, que a situa apenas sob duas perspectivas: uma “alta cultura” versus uma “baixa cultura”.

Ainda ressaltamos neste trabalho, mesmo que de modo provisório, as relações entre os estudos culturais e o contexto latino-americano de pesquisa em comunicação, oportunamente pontuado por COGO (2000) como contribuição para entendermos os processos advindos da tríade *comunicação-educação-cultura*.

Esperamos que esta leitura contribua para fortalecer o diálogo entre campos disciplinares fundamentais às experiências cotidianas que são comunicação, educação e cultura.

Da origem à internacionalização

Como afirmamos anteriormente, o *Centre do Centre for Contemporary Cultural Studies*, CCCS, da Universidade de Birmingham surge em 1964 como espaço de fomento das pesquisas que constituem o campo dos Estudos Culturais. MATTELART (1999) destaca que historicamente a corrente tem sua origem distante nos estudos da crítica literária de Frank Raymond Leavis (1895-1978) publicados nos anos 30.

Para este autor as idéias de LEAVIS irão influenciar os principais teóricos fundadores desta corrente, a saber, Stuart Hall, Raymond Williams, E.P. Thompson e Richard Hoggart. Mesmo habitado pela nostalgia da alta cultura e da grande tradição literária que supostamente contém valores “superiores” da era pré-industrial, LEAVIS rompe com a posição conservadora que caracteriza a crítica literária da época. Ele opõe-se francamente ao capitalismo industrial como sistema e ao lugar que nele assumem os meios de comunicação de massa da Grã-Bretanha (MATTELART 1999: 103).

COSTA (2000) ao abordar os Estudos Culturais e suas contribuições para a Educação também falará sobre as influências de Mathew Arnold para o marco conceitual em torno da cultura formulado pelos acadêmicos do CCCS, ao situar a cultura popular nos debates sobre a cultura, num quadro teórico em que a cultura adjetivada como popular era sinônimo de desordem social e política, ao passo que a cultura era o mesmo que harmonia e beleza. E afirma:

As análises arnoldianas e levisistas se desenvolviam desde as “alturas” da cultura erudita em direção a uma cultura popular concebida, inicialmente, como a cultura da classe operária e, gradativamente, passando a ser representada como domínios do consumo frívolo, do mau gosto e da superficialidade, Era o discurso do “culto” sobre aqueles supostamente “privados de cultura”.(COSTA 2000:16-18)

Embebidos pela ênfase leavisiana, os primeiros estudos do *Centre for Contemporary Cultural Studies* foram de crítica literária com foco na cultura popular. Os trabalhos que inauguram os Estudos Culturais britânicos são dois livros publicados no final da década de 50: *The uses of literacy*, de Richard Hoggart e *Culture and Society*, de Raymond Williams.

De acordo com ESCOSTEGUY¹(2000), o trabalho de HOGGART argumenta que no âmbito do popular não existe apenas submissão, mas, também, resistência, o que, mais tarde, será recuperado pelos estudos de audiência dos meios de comunicação. Já WILLIAMS através do olhar diferenciado sobre a história literária mostra que a *cultura* é uma categoria chave que conecta tanto a análise literária quanto à investigação social. Sobre a contribuição de E.P. Thompson a autora descreve que ele influencia o desenvolvimento da história social Britânica, de dentro de uma tradição marxista. MATTELART (1999:105) ainda historia que

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Comunicação Educativa**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

eles assumem uma definição antropológica de cultura, a definindo enquanto processo global por meio do qual as significações são socialmente e historicamente construídas.

ESCOSTEGUY²(2001) dirá que para WILLIAMS E THOMPSON cultura se configura como uma rede vivida de práticas e relações que constituem a vida cotidiana, dentro da qual o papel do indivíduo estava em primeiro plano. E destaca esta concepção particular de *cultura* que gera a singularidade do projeto dos Estudos Culturais e seu enfoque sobre a dimensão cultural contemporânea. Na sua opinião o grupo do CCCS amplia o conceito de *cultura* para que sejam incluídos dois temas tradicionais. E continua:

O primeiro: a cultura não é uma entidade monolítica ou homogênea, mas, ao contrário, manifesta-se de maneira diferenciada em qualquer formação social ou época histórica. Segundo: a cultura não significa simplesmente a sabedoria recebida ou experiência passiva, mas um grande número de intervenções ativas – expressa mais novamente através do discurso e da representação – que podem tanto mudar a história quanto transmitir o passado. Por acentuar a natureza acentuada diferenciada da cultura, a perspectiva dos estudos culturais britânicos pode relacionar a produção, distribuição e recepção culturais e práticas econômicas que estão, por sua vez intimamente relacionadas à constituição do sentido cultural. (AGGER apud ESCOSTEGUY 2001:156)

Na verdade, esta perspectiva operacionalizou uma expansão no conceito de cultura que inclui as formas nas quais os rituais da vida cotidiana, instituições e práticas, ao lado das artes. A extensão do significado de cultura propiciou considerar em foco toda produção de sentido. COSTA também discutirá elementos importantes para entendermos este deslocamento na concepção de cultura:

A cultura nos Estudos Culturais está ligada ao domínio do político. Os Estudos Culturais reconhecem as sociedades capitalistas industriais como lugares de divisões desiguais no que se refere a etnia, sexo, divisões de gerações e de classes. A cultura é um dos principais locus onde são estabelecidas e contestadas tais divisões, onde se dá a luta pela significação,

¹ ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Estudos Culturais: uma introdução**. IN: SILVA, Tomaz Tadeu (Org). **O que é afinal Estudos Culturais**. Belo Horizonte, Autêntica, 2000.

² ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Os Estudos Culturais**. IN: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C. & FRANÇA, VERA, Veiga (Orgs). **Teorias da Comunicação: Conceitos, Tendências e Debates**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

na qual os grupos subordinados tentam resistir à imposição de significados que sustentam os interesses dos grupos dominantes. Neste sentido, os textos culturais são muito importantes, pois eles são um produto social, o local onde o significado é negociado e fixado. (COSTA 2000: 125)

Ela nos lembra que nas concepções elitistas de cultura, “cultura” e “civilização” estavam em oposição e destaca que a tentativa de WILLIAMS de definir este conceito passa por três categorias: a ideal, em que toma a cultura como um processo de aperfeiçoamento, em direção a valores universais e absolutos; a cultura como “documentário”, o conjunto da produção, do trabalho intelectual e criativo e por fim, a definição social de cultura, a cultura como descrição de um modo de vida – a que inspirou e orientou os Estudos Culturais. E diz ser este o caminho adotado pelo teórico para argumentar contra a oposição entre “cultura de massa” e “alta cultura” e entre “cultura operária” e “cultura burguesa”.

Enfatizamos estas transformações em torno da cultura por compreendermos que elas aparecem como eixo norteador na chave de interpretação de diversas pesquisas que se desdobram no campo dos Estudos Culturais na sua gênese até os dias atuais. Embora existam, como veremos mais adiante, algumas características importantes como as influências do e sobre o marxismo, do encontro teórico-metodológico com a epistemologia feminista etc.

Alguns autores³ ressaltam a atualidade dos Estudos Culturais enquanto fenômeno internacional em função de um contexto marcado por novas formações culturais e política supranacionais, novas formas de organização da sociedade civil, novas configurações de classes sociais, entre outros. Alegam que o próprio processo de globalização promove a descentralização desta corrente teórico-metodológica decorrente das novas condições de constituições das identidades sociais e à pluralidade de modos de vida vigentes na atualmente. ESCOSTEGUY justifica esta expansão afirmando que:

A observação contemporânea de um processo de estilhaçamento do indivíduo em múltiplas posições e/ou identidades transforma-se tanto em tema de estudo quanto em reflexo do próprio processo vivido atualmente pelo campo dos

³ Ver COSTA, Marisa Vorraber (Org). **Estudos Culturais em Educação**. Porto Alegre, Editora da Universidade, UFRS, 2000. ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Estudos Culturais: uma introdução**. IN: SILVA, Tomaz Tadeu (Org). **O que é afinal Estudos Culturais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.



Estudos Culturais: descentrado geograficamente e múltiplo teoricamente. (ESCOSTEGUY 2001:168)

Outro aspecto que salientamos dentro do processo de internacionalização deste campo de saber é o fato deste ter passado por diversas influências epistemológicas e políticas. Sobre isto VEIGA-NETO⁴ destaca os percursos pelo socialismo, marxismo, estruturalismo, pós-estruturalismo etc, sem, no entanto reduzir a esfera da cultura à esfera econômica. É a influência de teóricos franceses como Michel de Certeau, Foucault, Bourdieu entre outros.

“Definição” e características

Indiscutivelmente, ao tomarmos fôlego em leituras que situam os Estudos Culturais percebemos as tensões existentes, entre elas, uma certa exigência que paira sobre o que seria uma definição sobre tal corrente. E o que resulta da tentativa de demarcar esta área é a constatação que muitos autores explicam, especialmente os (as) indicados (as) na bibliografia, que estes não constituem um campo disciplinar específico, ao contrário, de acordo com exposição de VEIGA-NETO (2000), “estamos diante de um campo que se pretende adisciplinar, ou mesmo, talvez, antidisciplinar”.

Numa tentativa de indicar uma definição JOHNSON (2000:18-20) garante não ser fácil, e que via de regra os autores – e autoras – da área não a fecham, apontam tendências deste campo de análise. Ao seu ver os Estudos Culturais podem ser compreendidos como uma tradição intelectual e política, ou em termos de paradigmas teóricos ou por seus objetos característicos de estudo.

Na realidade, eles não constituem uma disciplina, mas um espaço onde diversos campos do conhecimento interagem. Podemos falar deles como uma rede ou movimento que exerce uma grande influência – e são também influenciados -, por disciplinas acadêmicas, especialmente sobre os Estudos de Literatura, a Sociologia, os estudos de Mídia e Comunicação, a Lingüística e a História.

A diversidade de “objetos” de investigação caracteriza os Estudos Culturais, entre estes destacamos as pesquisas vinculadas às culturas populares, aos meios de comunicação, as

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Comunicação Educativa**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



identidades – sexuais, de classe, étnicas, geracionais. Segundo informações de MATTELART (1999:107) os teóricos desta área trabalharam – e trabalham - com autores como Mikhail Bakhtin, Lucien Goldman, Jean-Paul Sartre, Althusser, Roland Barthes, entre outros. Bem como foram influenciados pelo interacionismo social da Escola de Chicago⁵.

Mesmo influenciados pelo marxismo, os Estudos Culturais, para ESCOSTEGUY (2000), atribuem à cultura um papel que não é totalmente explicado pelas determinações da esfera econômica. A relação entre ambos inicia-se e se desenvolve através da crítica de um certo reducionismo e economicismo, resultando no questionamento do modelo base-superestrutura. Gramsci é outro autor cuja colaboração indica como a mudança pode ser construída dentro do sistema, e inspira pesquisas nesta perspectiva, uma vez que trazem para suas análises o conceito de hegemonia do pensador italiano.

Poderíamos ainda citar como característica o fato de que no horizonte destes estudos não existe um confronto bipolar no tocante às diversas culturas, ao contrário, elas comportam transações, interações.

Percebemos que eles permitem uma versatilidade teórica. Para Tony Bennett⁶ eles reúnem uma gama bastante dispersa de posições teóricas e políticas, as quais, não importa quão amplamente divergentes possam ser sob outros aspectos, partilham um compromisso de examinar práticas culturais do ponto de vista de seu envolvimento com, e no interior de relações de poder.

Outra observação que pontuamos é o caráter crítico deste espaço, numa dimensão em que este conceito é situado como um conjunto de procedimentos pelos quais outras tradições são abordadas, tanto pelo que elas podem contribuir quanto pelo que elas podem inibir. Segundo MATTELART (1999) o próprio trabalho de Stuart Hall⁷ sobre o papel ideológico da mídia e a natureza da ideologia representa um momento importante na constituição de uma teoria capaz de refutar os postulados da análise funcionalista americana e de fundar uma forma diferente de pesquisa crítica.

⁴ VEIGA-NETO, Alfredo. **Michel Foucault e os Estudos Culturais**. IN: COSTA, Marisa Vorraber (Org). **Estudos Culturais em Educação**. Porto Alegre: Editora da UFRS, 2000.

⁵ Sobre o conceito de interacionismo social ver: WORTMANN, Maria Lúcia Castagna & VEIGA-NETO, Alfredo. **Estudos culturais da ciência & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

⁶ BENNETT apud VEIGA-NETO. IN: COSTA, Marisa Vorraber (Org). **Estudos Culturais em Educação**. Porto Alegre, Editora da Universidade, UFRS,



No tocante aos processos de comunicação social, o enfoque alicerçado pelos Estudos Culturais desde os seus primórdios foi de fundamental importância para os estudos de recepção, em especial as pesquisas latino-americanas⁸, compondo assim um lugar fluido de interações.

Interações entre estudos culturais e comunicação

Tomamos como ponto de partida para o diálogo entre estudos culturais e comunicação o conceito de interacionalidade definido por BRAGA & CALAZANS (2001:29) onde referem-se a característica geral dos meios de comunicação social de viabilizar algum tipo de interação social. A comunicação, nos fins do Século XIX vem se tornando relevante em duas perspectivas: primeiro pelo crescente desenvolvimento dos processos midiáticos e também por sua relevância no espaço de todas as instituições e atividades sociais. Desde seu início de vida os seres humanos se comunicam, todavia, o estudo sobre como se comunicam e as repercussões no tocante a expansão dos meios de comunicação só ocorrem no início do século XX. Desta forma:

A sociedade gera, desenvolve e usa um conjunto de meios diversificados para uma multiplicidade de necessidades e propostas variadas. Os meios então compõem, em articulação, uma processualidade complexa e de mútua complementação.
(BRAGA & CALAZANS 2001:16)

A interação nos ajuda a por em entendimento estes dois campos de saberes distintos – estudos culturais e comunicação -, e converge para lançarmos, entre outras coisas, novas observações sobre as pesquisas de recepção, promovendo, conforme COGO (2000), todo um conjunto de investigações no âmbito da audiência, especialmente da televisão, buscando entender o que fazem os públicos com os meios de comunicação de massa e as mensagens que emitem, por outro lado o papel que desempenha a cultura e as instituições sociais como mediadoras no consumo das mensagens propostas.

⁷ HALL, Stuart. , *et alli*, **Culture, Media, Language..** London :Hutchinson Universty Library, 1980.

⁸ Sobre os estudos de recepção latino-americanos consultar: MELO, José Marques de. & DIAS, Paulo da Rocha(Orgs). **Comunicação, Cultura e Mediações.** São Bernardo do Campo, SP: Editora da Universidade Metodista de São Paulo, 1999; MELO, José Marques *et alli*, **Matrizes Comunicacionais Latino-Americanas.** São Bernardo do Campo, SP: Editora da Universidade Metodista de São Paulo, 2002.

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Comunicação Educativa**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



Os Estudos Culturais, discordando do entendimento dos meios de comunicação de massa como simples instrumentos de manipulação e controle das classes dirigentes, enfoca o consumo da comunicação enquanto lugar de negociação de práticas comunicativas extremamente diferenciadas. ESCOSTEGUY historia que:

Nos anos 80 definem-se novas modalidades de análise dos meios de comunicação. Multiplicam-se os estudos de recepção. Na década de 90 a preocupação em recuperar as leituras negociadas dos receptores faz com que, de certa forma se valorize a liberdade individual deste receptor e se subvalorize os efeitos da ordem social. (ESCOSTEGUY 2000:152-153).

Os estudos de recepção, de acordo com esta autora, configuram, até o momento, o principal ponto de desenvolvimento dos Estudos Culturais Latino-Americanos. Para ela, falar em estudos culturais latino-americanos é referir-se a um leque de trabalhos e reflexões que hoje se aglutinam, na América Latina, sob a denominação de estudos de comunicação e cultura. Tais contribuições preocupam-se com a formatação de uma teoria, de uma prática, ou de uma política de cultura que se identifica, de uma forma ou de outra, com a tradição dos Estudos Culturais que se desenvolveu no CCCS, em 1964. O próprio HALL (1997) argumenta que os Estudos Culturais o ajudaram a compreender que a mídia tem uma função na constituição das coisas que ela reflete.

Historicamente, a pesquisa em comunicação dos anos 70 e 80 difundia uma concepção reprodutivista da cultura, no entanto, o teórico Jesús Martín-Barbero esboçava, com o clássico **De los medios a las mediaciones**, uma vertente mais contextualista. Assim, “os estudos de recepção, a partir do final dos anos 80, descobriram e celebraram um sujeito receptor que ressignificava as mensagens mediáticas, identificando suas negociações, e resistência à lógica dos meios”⁹. GOMES (1997) narra que o posicionamento de BARBERO implicar em repensar toda a metodologia do estudo da comunicação, superando a oposição massivo-popular nos estudos dos processos comunicacionais. É necessário pensar os estudos de comunicação para além dos meios, neste sentido é ressaltado a categoria cotidiano,

⁹ ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Os Estudos de Recepção e as Relações de Gênero: algumas anotações provisórias**. IN. *Revista Ciberlegenda* N° 07, Rio Grande do Sul, 2002.



privilegiando experiências que acontecem na praça, nas festas, nos mercados, nos ritos religiosos, enfim, em suas múltiplas práticas culturais.

Na atualidade, a interacionalidade entre Estudos Culturais e Comunicação, identifica-se uma forte tendência em teorizar sobre o papel dos meios de comunicação na constituição das identidades. E sobre a diversidade de processos de consumo e codificação nos quais as audiências estão envolvidas.

Destacamos neste contexto a importância de autores como Néstor Garcia Canclini, Jesús Martin-Barbero e Guillermo Orozco Gómez. Segundo COGO as reflexões destes apontam para a construção de uma trajetória comum:

A compreensão da comunicação no marco do processo das culturas em que o entendimento do processo comunicativo não se esgota em conceitos e critérios como canais, meios, códigos, mensagens, informação. O entendimento da comunicação é reorientado a uma revalorização do universo cultural e do cotidiano dos sujeitos como mediadores dos sentidos produzidos no campo da recepção difundida pelos meios massivos de comunicação. Suscetíveis de múltiplas interpretações estas mensagens são mais que nunca eminentemente polissêmicas e seus significados “negociados” na esfera da recepção (COGO 2000:33)

Em relação aos Estudos Culturais as tendências atuais apontam para as pesquisas baseadas na produção, no texto e nas culturas vividas, e identidades – étnicas, sexuais, geracionais, e outras. Deste modo a relação entre ambos os campos é fortalecida como espaço de interpretações sociais. Especialmente se considerarmos que a mídia ao longo deste tempo vem se constituindo um lugar privilegiado de demandas e reivindicações políticas e culturais das sociedades contemporâneas.

Destacamos também que a dinâmica destes dois campos originais, bastante amplos, dialogam com a Educação nos ajudando assim a rompermos fronteiras disciplinares e articularmos uma interface para lermos processos que chamamos de educomunicativos, ou seja, “movimentos comunicativos inspirados na linguagem do mercado da produção de bens culturais” (SCAUN 2002:11), mas que estabelecem interação com a educação. Ao abordar esta interface BRAGA & CALAZANS (2001) explicam que ela passou a incluir a dimensão



cultura, bem como as tentativas de trabalho como as relações de fluxos que ocorrem entre os saberes e processos formativos e processos mediaticamente disponibilizados.

Mediações Possíveis

Julgamos como fundamental é o deslocamento proposto pelos Estudos Culturais na ampliação do conceito de cultura enquanto uma rede vivida de práticas e relações que constituem a vida cotidiana, dentro da qual o papel do indivíduo estava em primeiro plano. Horizonte teórico-metodológico que pode nos ajudar a construir análises significativas quando pesquisarmos práticas *educomunicativas*.

Especialmente por consideramos estes processos midiáticos e educativos como lugares fecundos em que as aprendizagens ocorrem enquanto experiências relevantes na construção das identidades, nas trocas sociais, na reestruturação das linguagens e resignificação dos discursos, quer aconteçam através da comunicação mediada por computadores, na recepção de programas televisivos, na produção em rádio e jornal, na utilização de diversos meios de comunicação em sala de aula, etc.

Assim, a Educação entra na esfera midiática e reconfigura suas discussões a partir do aparecimento de novas mídias, como a internet e a aplicação das mídias tradicionais – rádio, tv, impresso -, em sala de aula. Outro fator importante nessa discussão é de como esta interação traz para a escola as novas linguagens e de como os meios de comunicação assumem um caráter pedagógico. Poderíamos falar numa pedagogia da comunicação, pautada pelas possibilidades de se ler criticamente processos simbólicos estruturados a partir dos medias e construir aprendizagens e saberes oriundos de uma cultura midiática.

Segundo ROCHA (1995), a tendência entre vários pesquisadores é mesmo no sentido de acreditar que entender a cultura contemporânea passa, de algum modo, por desvendar os conteúdos transmitidos pelos meios de comunicação. Sobre isto AMARAL destaca que:

É também nas instâncias culturais propiciadas pelos Meios de Comunicação que organizamos, substituímos e regulamos as narrativas que nos falam sobre quem somos e como vivemos.(AMARAL 2000:161).



Estes elementos nos ajudam a refletir sobre novos educadores e domínios pedagógicos e culturais, as instâncias em que a cultura, particularmente, a cultura das mídias¹⁰, em seus processos de significação exercem influência -, e porque não dizer que são também influenciados -, sobre as formas em que geramos nossos processos educativos e buscamos traduzimos o mundo. Neste sentido nos orientamos pela perspectiva de pensamos o programa de rádio como uma prática cultural, especificamente a experiência do programa Mulher em Ação – produção radiofônica realizada por mulheres do campo integrantes do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais, situado na Região do Brejo Paraibano e nosso referencial de pesquisa na pós-graduação.

Por isto, pensamos o programa radiofônico *Mulher em Ação*, produzido pelo Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Brejo Paraibano, MMT, como espaço educ comunicativo que configura uma perspectiva cultural que tem a ver, especialmente, com a afirmação de uma determinada identidade de mulher e de como elas constituem suas demandas de aprendizagens. Concordamos com VARGAS (1995:21-23) em sua afirmação:

La construcción social de los intereses de aprendizaje(que pueden o no expresarse como demandas de aprendizaje), implica la subjetivación de los sujetos, de su realidad social y sus representaciones de la misma. Los intereses y/o demandas de aprendizaje de las mujeres, tanto dentro como fuera del sistema educativo, deben entenderse como un proceso de construcción múltiple y diverso que apunta, a su vez, a una diversidad de identidades femeninas entre diferentes mujeres e incluso en una misma mujer.

O *Mulher em Ação* apresenta informações cuja linguagem aponta para um discurso das relações de gênero no âmbito do rádio, e faz deste meio de comunicação um espaço não apenas gerador de sentidos, mas de aquisição de competências e saberes em campos tradicionalmente considerados masculinos. Durante entrevistas realizadas com mulheres ouvintes e produtoras do *Mulher em Ação* pudemos perceber a experiência deste como um lugar privilegiado construção de saberes:

¹⁰ Este diz respeito à abordagem levantada por SANTAELA, Lúcia. **Culturas das Mídias**. São Paulo: Experimento, 2000.

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Comunicação Educativa**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

“(...) Eu pensava naquela época quando a gente escutava o Programa interessante assim sabe porque? A gente aprende mais, a gente sabe mais, aquelas mulher, aquelas mulher esperta, que tem liberdade. Porque tem muita mulher escravizada ainda sabe(..) Maria José, de município de Pirpirituba, 60 anos.

*“(...) a gente saber de muitas coisas é importante porque a gente sabe se opor diante um juiz, diante do delegado, diante de uma pessoa que quer desfazer da gente. Eu fiquei mais valorizada com isso, porque eu aprendi a ser mulher. Olha, eu fui casada 20 anos eu nunca tinha respondido ao meu marido. No dia que eu respondi isto foi um escândalo pra ele, ele disse até que eu tinha macho. Porque eu nunca respondia, só chorava quando ele falava, nesse dia eu tive coragem de responder a ele na frente de todo mundo, ele disse umas coisas que eu não gostei, eu tive coragem. Isso veio do Movimento das Mulheres do que orientou minha cabeça, abriu meus olhos, abriu meus ouvidos(...)Mulher porque antigamente a gente era muito tapada mulher, nós não sabia como tratar um marido, como tratar um filho, um patrão, nada, só era sim senhor, sim senhor, sim senhor, isso comia o juízo da pessoa mulher de Jesus. Mas hoje em dia a gente tem explicação de sexo, de filho, de gravidez, todo tipo de informação, do nosso corpo, a gente não sabia nem do nosso corpo mulher. Nós pensava que o nosso corpo não sei pra que era, pra crescer a barriga e botar filho no mundo, nós não tinha informação de nada”***Laura, município de Sapé, 63 anos.**

As declarações de Laura e Maria fazem parte uma série de depoimentos que serão posteriormente trabalhados no referido estudo e nos ajuda na análise deste processo midiático, fazendo-nos compreender de acordo com BRAGA & CALAZANS (2001) que nenhum assunto ou questão observada na sociedade pode-se dizer inteiramente alheia a questão educacional e a cada invenção tecnológica a sociedade atribui aos processos comunicacionais uma expectativa educacional.



Ao reunirem-se em torno de demandas de aprendizagens específicas que giram em torno da identidade feminina, as mulheres do MMT exercem uma relação pedagógica com um processo de comunicação. A própria construção do programa, em seu formato e conteúdos elaborados e sociabilizados por meio do veículo de comunicação rádio nos ajuda a pensar novos processos de aprendizagem, uma vez que também residem neles um lugar de mediação que, ao nosso ver, inclui o sujeito MMT e o programa propriamente dito, os campos da comunicação e educação, e de modo mais abrangente a dimensão cultural.

A partir deste trabalho que estamos desenvolvendo buscamos afirmar e construir diálogos entre campos como Estudos Culturais, Comunicação e Educação, cuja interacionalidade nos auxilie na compreensão de experiências interdisciplinares que permeiam nosso dia-a-dia, na tentativa de conhecermos melhor as transformações que operam no universo da cultura, especialmente produzidas pelas mídias e as novas aprendizagens que elas podem nos trazer.



BIBLIOGRAFIA

- AMARAL, Marise Basso. **Natureza e representação na pedagogia da publicidade**. IN: COSTA, Marisa Vorraber (Org). **Estudos Culturais em Educação**. Porto Alegre, Editora da Universidade, UFRS, 2000.
- BRAGA, José Luis, & CALAZANS, Regina. **Comunicação e Educação**. São Paulo: Hacker, 2001.
- CANCLINI, Garcia Nestor. **Consumidores e Cidadãos**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ. 4ª Edição, 1999.
- CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede: a Era da Informação: economia, sociedade e cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- CITELLI, Adilson. **Educação e Comunicação: A Linguagem em Movimento**. São Paulo: Editora do SENAC, 1999.
- COGO, Denise **Da comunicação Rural aos estudos de audiência**. Rastros. Revista do Necom. Ano I. Nº 01 Joinville, Santa Catarina, 2000.
- COSTA, Marisa Vorraber (Org). **Estudos Culturais em Educação**. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRS, 2000.
- CUCHE, Denys. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Bauru, SP: Editora da Universidade Sagrado Coração, 1999.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. IN: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C. & FRANÇA, VERA, Veiga (Orgs). **Teorias da Comunicação: Conceitos, Tendências e Debates**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- GOMES, Pedro Gilberto. **Tópicos em Teoria da Comunicação**. São Leopoldo, RS: Editora da UNISINOS, 1997.
- GIOIELLI, Rafael. **Bibliografia Comentada: estudos culturais**. IN: *REVISTA NOVOS OLHARES*. Ano 3, Nº 6, Escola de Comunicação e Artes/Universidade de São Paulo, 2º Semestre de 2000.
- HALL, Stuart. **Race, culture, and communications: looking backward and forward at cultural studies**. IN: Storey, Jonh. *What is Cultural Studies?* London: Arnold, 1997.
- HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C. & FRANÇA, VERA, Veiga (Orgs). **Teorias da Comunicação: Conceitos, Tendências e Debates**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.



- IANNI, Octavio. **Teorias da Globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.*
- LIMA, Venício Artur de. **Comunicação e Cultura: as idéias de Paulo Freire**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1984.
- MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2003
- MATTELART, Armand e Michèle. **História das Teorias da Comunicação**. São Paulo: Loyola. 1999.
- MATTELART, Armand. **A Globalização da Comunicação**. Bauru, SP: Edusc, 2000
- PENTEADO, Heloisa Dupas (Org). **Pedagogia da Comunicação: teorias e práticas**. São Paulo: Cortez Editora, 1998.
- ROCHA, Everaldo. **A Sociedade do Sonho: Comunicação, Cultura e Consumo**. Rio de Janeiro: Mauad, 1995.
- SANTAELLA, Lúcia. **A Cultura das Mídias**. São Paulo: Experimento. 2000.
- _____. **Comunicação e pesquisa**. São Paulo: Hacker, 2001.
- SILVA, Tomaz Tadeu (Org). **O que é afinal Estudos Culturais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- SCHAUN, Ângela. **Educomunicação: reflexões e princípio**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- VARGAS, Virgínia *et ali*. Necesidades básicas de aprendizaje : proyectos educativos y campo de aprendizaje de las mujeres. Revista La Piragua. Nº 10. 1995. Santiago, Chile.
- WORTMANN, Maria Lúcia Castagna & VEIGA-NETO, Alfredo. **Estudos culturais da ciência & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.